

QUEM É VOCÊ, ALASCA?

“John Green **MESCLA**
com primor o
PROFUNDO e o
COTIDIANO.”

THE WASHINGTON POST

“Green se sai bem ao abordar
QUESTIONAMENTOS
FILOSÓFICOS
de uma forma
descompromissada.”

THE INDEPENDENT

“A voz de Green como escritor
é tão **CONFIANTE** e
HONESTA que é difícil
imaginar que este seja seu
PRIMEIRO romance
publicado.”

VOYA

“**GREEN** faz de
ALASCA uma
personagem **AMÁVEL**, ao
mesmo tempo **SOMBRIA**
e **ENÉRGICA.**”

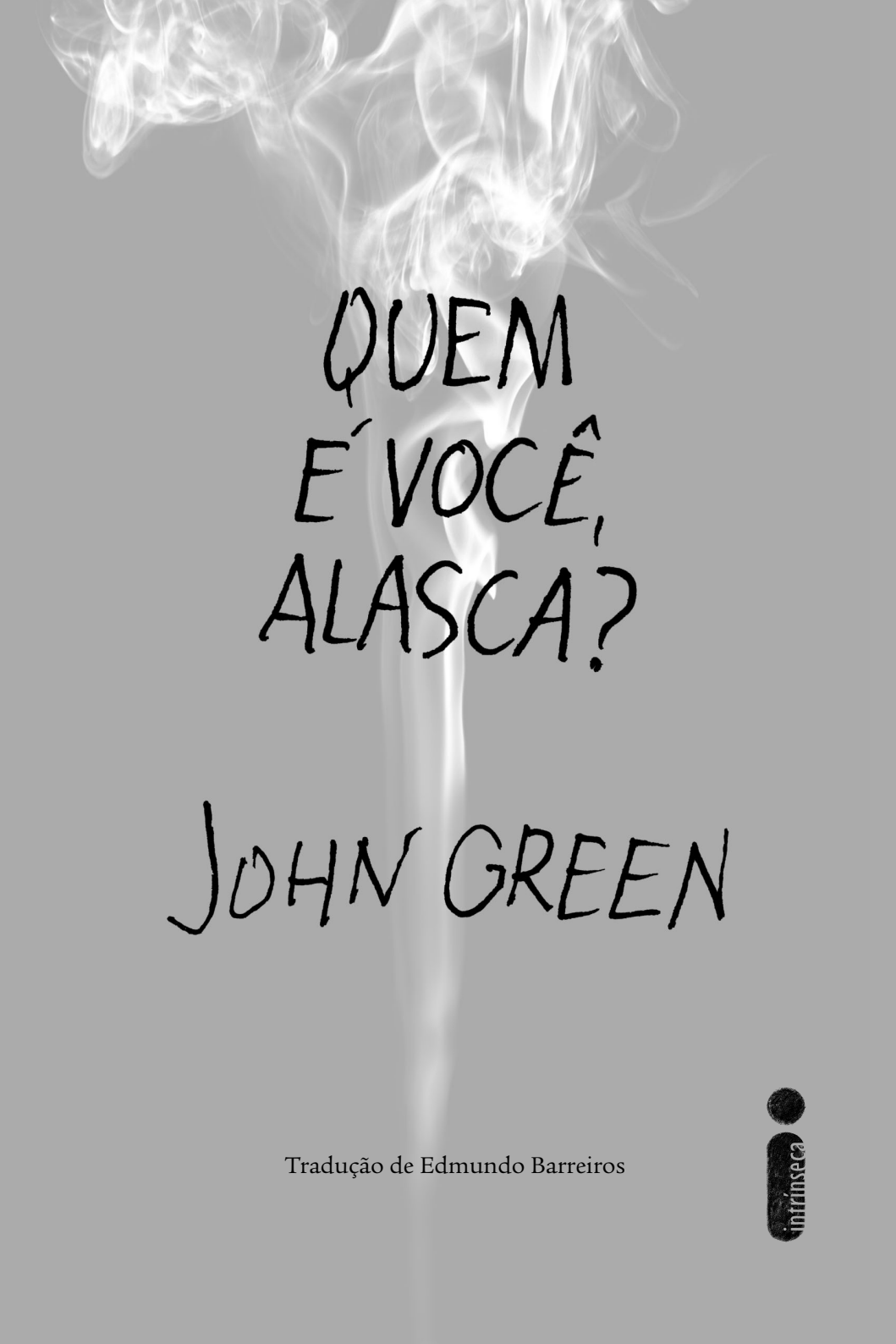
SCHOOL LIBRARY JOURNAL

“Divertido, triste,
inspirador e **SEMPRE**
emocionante.”

BOOKPAGE

“Miles é um porta-
-voz articulado para as
legiões de **JOVENS** que
procuram um sentido para
a **VIDA.**”

BCCB



QUEM
É VOCÊ,
ALASCA?

JOHN GREEN

Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright © 2005 by John Green
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte, em quaisquer meios.

Edição publicada mediante acordo com Dutton Children's Books, uma divisão de Penguin Young Readers Group, membro de Penguin Group (USA) LLC, empresa do grupo Penguin Random House.

TÍTULO ORIGINAL
Looking for Alaska

PREPARAÇÃO
Daniele Leite

REVISÃO
Ana Carla Sousa
Janaína Senna

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G83q

Green, John
Quem é você, Alasca? / John Green ; tradução Edmundo Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
272 p. ; 21 cm.

Tradução de: Looking for Alaska
ISBN 978-85-8057-599-6

1. Ficção americana. I. Barreiros, Edmundo, 1966-. II. Título.

14-14699

CDD: 813

CDU: 813.111(73)-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para a minha família:
Sidney Green, Mike Green e Hank Green

“Eu me esforcei tanto para acertar.”

(Últimas palavras do presidente norte-americano Grover Cleveland)

cento e trinta e seis dias antes

Uma semana antes de eu deixar minha família, a Flórida e o resto da minha vida sem graça e ir para um colégio interno no Alabama, minha mãe insistiu em me fazer uma festa de despedida. Dizer que minhas expectativas não eram as melhores seria subestimar dramaticamente a situação. Apesar de ter sido mais ou menos forçado a convidar todos os meus “amigos da escola” — ou seja, o grupo de esquisitões do teatro e nerds de literatura com quem eu me sentava no refeitório cavernoso da minha escola pública por pura necessidade social —, eu sabia que eles não iriam. Mesmo assim, minha mãe insistiu, tomada pela ilusão de que eu tinha mantido minha popularidade em segredo por todos esses anos. Ela preparou uma pequena montanha de pasta de alcachofra. Decorou nossa sala com fitas verdes e amarelas, as cores de minha nova escola. Comprou duas dúzias de lançadores de confete e os colocou em volta da mesa de centro.

E naquela última sexta-feira, quando minhas malas estavam quase prontas, ela se sentou comigo e com meu pai no sofá da sala às dezesseis horas e cinquenta e seis minutos e aguardou pacientemente a chegada da Tropa de Despedida do

Miles, que consistia em exatamente duas pessoas: Marie Lawson, uma loura baixinha de óculos retangulares, e seu namorado gorducho (para ser bondoso), Will.

– Oi, Miles – disse Marie enquanto se sentava.

– Oi – respondi.

– Como foi seu verão? – perguntou Will.

– Legal. E o seu?

– Foi bom. Fizemos *Jesus Cristo Superstar*. Eu ajudei com os cenários. Mary fez a iluminação – acrescentou Will.

– Legal. – Assenti, como se soubesse muito bem do que estavam falando, e depois nosso assunto praticamente se esgotou.

Eu poderia ter perguntado alguma outra coisa sobre *Jesus Cristo Superstar*, mas infelizmente: 1) eu não sabia do que se tratava; 2) não estava interessado em descobrir, e 3) nunca fui muito bom em jogar conversa fora. Minha mãe, no entanto, pode ficar batendo papo por horas, e por isso ela prolongou o desconforto perguntando sobre o horário de ensaio deles, como foi a peça e se fez sucesso.

– Acho que fez – comentou Marie. – Muita gente foi ver, acho. – Marie era o tipo de pessoa que *achava* o tempo todo.

– Bem, nós só passamos para nos despedir – disse Will, por fim. – Preciso deixar Marie em casa antes das seis. Divirta-se no colégio interno, Miles.

– Obrigado – respondi com alívio.

A única coisa pior do que dar uma festa a que ninguém vai é dar uma festa à qual só vão duas pessoas extrema e profundamente desinteressantes.

Eles foram embora. Fiquei sentado com meus pais olhando para a tevê desligada. Queria ligá-la, mas sabia que não devia. Podia sentir os dois me olhando, esperando que eu começasse a chorar ou algo assim, como se não soubesse o tempo todo que as coisas iam acontecer exatamente daquele jeito. Mas eu *sabia*. Podia sentir a pena deles enquanto cavavam a pasta de

alcachofra com os salgadinhos feitos para meus amigos imaginários, mas eles eram mais dignos de pena que eu: eu não estava desapontado. Nada daquilo fugia às minhas expectativas.

— É por isso que você quer ir embora, Miles? — perguntou minha mãe.

Refleti por um instante, tomando o cuidado de não olhar para ela.

— Hum... não.

— Então por quê? — insistiu.

Não era a primeira vez que ela levantava a questão. Minha mãe não estava muito entusiasmada com a minha ida para um colégio interno e não escondia isso.

— É por minha causa? — perguntou o meu pai.

Ele tinha estudado em Culver Creek, o mesmo colégio interno para qual eu estava indo, assim como os seus dois irmãos e todos os filhos deles. Acho que o meu pai gostava da ideia de eu estar seguindo os passos dele. Meus tios me contaram do sucesso que ele fazia no campus por se meter nas maiores confusões e ainda assim ser um ótimo aluno. Aquela vida me pareceu melhor do que a que eu levava na Flórida. Mas não, não era por causa do meu pai. Não exatamente.

— Esperem aí — pedi.

Fui até o escritório do meu pai e peguei a biografia que ele tinha de François Rabelais. Eu gostava de ler biografias de escritores, mesmo que (como era o caso do monsieur Rabelais) nunca tivesse lido nada que eles escreveram. Folhee até o fim e encontrei a citação destacada (“NUNCA USE MARCA-TEXTO NOS MEUS LIVROS”, meu pai já me disse mil vezes. Mas de que outro jeito, depois, você vai achar o que está procurando?).

— Então, esse cara... — disse eu, parado na porta da sala — François Rabelais. Ele era poeta. E as suas últimas palavras foram: “Vou em busca de um Grande Talvez.” Por isso estou

indo. Para não ter que esperar até o dia da minha morte para começar a procurar um Grande Talvez.

E isso os acalmou. Eu estava atrás de um Grande Talvez, e eles sabiam tão bem quanto eu que não iria encontrá-lo com pessoas como Will e Marie. Eu me sentei de novo no sofá, entre minha mãe e meu pai, e ele pôs o braço nos meus ombros, e ficamos juntos ali, em silêncio, por um bom tempo, até que pareceu não ser mais um problema ligar a tevê, e em seguida jantamos pasta de alcachofra e assistimos ao History Channel, e, para uma festa de despedida, com certeza poderia ter sido pior.

cento e vinte e oito dias antes

A Flórida era muito quente, sem dúvida, e úmida também. Quente o suficiente para as roupas grudarem em você como fita adesiva, e o suor escorrer da testa para os olhos como se fossem lágrimas. Mas só era quente ao ar livre, e em geral eu andava na rua apenas para ir de um local refrigerado para outro.

Isso não me preparou para o calor fora do comum que encontrei vinte e cinco quilômetros ao sul de Birmingham, no Alabama, na Escola Culver Creek. O SUV dos meus pais estava estacionado a pouco mais de um metro do alojamento em que eu ficaria, Quarto 43. Mas cada vez que eu dava aqueles poucos passos indo e vindo do carro para descarregar o que agora parecia coisa demais, o sol atravessava as minhas roupas e queimava a minha pele com uma intensidade tão feroz que me fez temer de verdade o fogo do inferno.

Com a ajuda dos meus pais, levou apenas alguns minutos para descarregarmos o carro. Porém, o meu quarto sem ar-condicionado, apesar de felizmente protegido do sol, era só um pouco mais fresco que lá fora. O lugar me surpreendeu: eu imaginava carpete grosso, paredes com revestimento de madeira e móveis vitorianos. Tirando o luxo de ter um banheiro

só para mim, aquilo era uma caixa. Com paredes de concreto cobertas com camadas grossas de tinta branca e piso de linóleo quadriculado verde e branco, o lugar parecia mais um quarto de hospital, não o alojamento que eu tivera em mente. Havia um beliche de madeira crua com colchões de vinil que bloqueava a janela dos fundos. As escrivaninhas, cômodas e estantes eram todas embutidas, para evitar uma arrumação diferente. *E nada de ar-condicionado.*

Sentei na cama de baixo do beliche enquanto minha mãe abriu uma das malas, pegou algumas biografias que meu pai concordara em deixar comigo e as arrumou na estante.

— Eu posso fazer isso, mãe.

Meu pai estava de pé, pronto para ir embora.

— Então me deixe pelo menos arrumar a sua cama.

— Não, sério. Eu posso fazer isso. Está tudo bem.

Não dá para simplesmente ficar prolongando certas coisas para sempre. Chega um momento em que o melhor a fazer é arrancar o Band-Aid. Isso dói, mas depois passa, e então vem o alívio.

— Meu Deus, vamos sentir saudade de você — disse minha mãe de repente, atravessando o campo minado de malas para chegar até a cama.

Eu me levantei e a abracei. Meu pai se juntou a nós e ficamos lá amontoados. Estava quente demais e estávamos suados demais para nos abraçarmos por muito mais tempo. Eu sabia que devia chorar, mas já tinha vivido com eles por dezesseis anos e passava da hora de ensaiarmos uma separação.

— Não se preocupem. — Sorri. — Vou aprender a falar com sotaque sulista.

Minha mãe riu.

— Não vá fazer nenhuma bobagem — disse o meu pai.

— Está bem.

— Nada de drogas. Nem bebida. Nem cigarros.

Quando ele estudou em Culver Creek, fez coisas sobre as quais eu só tinha ouvido falar: as festas escondidas, as corridas sem roupa pelas plantações de feno (ele sempre lamentava que na época fossem só rapazes), drogas, bebida e cigarros. Ele levou um tempo para parar de fumar, mas os seus dias de *bad boy* tinham ficado para trás.

— Amo você. — Os dois deixaram escapar ao mesmo tempo.

Era impossível não dizer essas palavras, mas elas tornaram a coisa toda extremamente desconfortável, como ver os seus avós se beijando.

— Também amo vocês. Vou ligar todo domingo.

Os alojamentos não tinham telefone, mas os meus pais solicitaram que eu ficasse em um quarto perto de um dos cinco telefones públicos do colégio.

Eles me abraçaram de novo, minha mãe e depois meu pai, e então terminou. Pela janela dos fundos, vi o carro deles sair pela rua sinuosa do campus. Talvez eu devesse ter ficado triste e sensibilizado, mas naquele momento só pensava em tomar um ar. Peguei uma cadeira e me sentei do lado de fora, à sombra do longo beiral, esperando uma brisa que nunca chegava. O ar ali estava tão parado e opressivo quanto no quarto. Fiquei observando o meu novo lar: seis construções de um andar só, cada uma com dezesseis quartos, organizadas em forma de hexágono ao redor de um grande círculo de grama. Parecia um motel antigo muito grande. Por todos os lados garotos e garotas se abraçavam, sorriam e caminhavam juntos. Eu tinha a vaga esperança de que alguém viesse falar comigo. Até imaginei como seria a conversa:

“Oi, você é novo aqui?”

“Sou, sim... Vim da Flórida.”

“Que legal! Então está acostumado com o calor.”

“Eu não estaria acostumado com esse calor nem se viesse do Hades”, eu brincaria. E causaria uma boa primeira impressão. *Ah, ele é engraçado. Aquele Miles é uma figura.*

Isso não aconteceu, é claro. As coisas nunca aconteciam do modo como eu as imaginava.

Sem mais nada para fazer, voltei para o quarto, tirei a camisa, deitei no colchão quente da cama de baixo do beliche e fechei os olhos. Nunca tive a sensação de ser batizado e “nascido de novo”, com o choro e tudo o mais, mas não seria de todo mau renascer como alguém sem passado. Pensei nas pessoas sobre as quais eu lera (John F. Kennedy, James Joyce, Humphrey Bogart) que estudaram em colégio interno e em suas aventuras. Kennedy, por exemplo, adorava pregar peças. Pensei no Grande Talvez e nas coisas que poderiam acontecer e nas pessoas que eu poderia conhecer e em quem seria meu colega de quarto (eu tinha recebido uma carta algumas semanas antes informando o nome dele, Chip Martin, e mais nada). Quem quer que fosse Chip Martin, eu pedia a Deus que ele chegasse com um arsenal de ventiladores superpoderosos, porque eu não tinha levado nenhum e já podia sentir meu suor fazendo uma poça no colchão de vinil, o que me irritou tanto que parei de pensar na vida e me levantei para procurar uma toalha e secar o suor. E então pensei: bem, antes da aventura, é preciso desfazer as malas.

Colei um mapa-múndi na parede, coloquei a maior parte das roupas nas gavetas, e só então notei que o ar quente e úmido fazia até as paredes transpirarem. Resolvi que aquela não era uma boa hora para trabalhar. Era hora de um magnífico banho bem gelado.

O banheiro era pequeno e tinha um espelho enorme atrás da porta, o que tornou impossível ignorar a imagem do meu corpo nu enquanto eu me inclinava para abrir a torneira. Minha magreza sempre me intrigava. Meus braços finos não pareciam engrossar muito mais até os ombros, e meu peito não tinha qualquer traço de gordura nem de músculo. Aquela visão me envergonhava, e me perguntei se havia algo que eu pu-

desse fazer em relação ao espelho. Abri a cortina branca e entrei no boxe.

Infelizmente, o chuveiro parecia projetado para uma pessoa com um metro de altura, ou seja, a água batia na barriga... com toda a força de uma torneira pingando. Para lavar o meu rosto encharcado de suor, tive que afastar as pernas e me abaixar bastante. Sem dúvida John F. Kennedy (que, segundo a sua biografia, tinha um metro e oitenta e três, exatamente a minha altura) não teve que *ficar de cócoras* no colégio interno. Não, isso era um horror completamente diferente, e enquanto o chuveiro molhava lentamente o meu corpo, eu me perguntei se poderia mesmo encontrar um Grande Talvez ali ou se tinha cometido um enorme erro de julgamento.

Quando saí do banheiro, a toalha enrolada na cintura, vi um cara baixinho e forte com uma cabeleira castanha arrastando uma gigantesca sacola verde-militar para dentro do quarto. Ele tinha pouco mais de um metro e meio, mas era bem-apeesoado, como um Adônis em miniatura. Junto chegou o cheiro da fumaça de cigarro entranhada nele. Ótimo, pensei, estou prestes a conhecer o meu colega de quarto e estou pelado. Ele puxou a bolsa, fechou a porta e veio na minha direção.

— Sou Chip Martin — anunciou com uma voz grossa de locutor de rádio, e, antes que eu pudesse responder, acrescentou: — Eu apertaria a sua mão, mas acho melhor você se concentrar em segurar essa toalha até vestir alguma roupa.

Eu ri, acenei com a cabeça para ele (isso é legal, não é?, concordar com a cabeça?) e disse:

— Sou Miles Halter. É um prazer, cara.

— Miles, como milhas? “A percorrer antes de dormir?” — perguntou.

— Hein?

—É um poema do Robert Frost. Nunca leu nada dele?

Fiz que não com a cabeça.

— Sorte sua. — Ele sorriu.

Peguei uma cueca limpa, um calção azul da Adidas e uma camiseta branca. Murmurei que voltava em um segundo e mergulhei de volta no banheiro. Que beleza de primeira impressão.

— E aí, cadê os seus pais? — perguntei, do banheiro.

— Os meus pais? O meu pai está na Califórnia, talvez sentado na poltrona dele, talvez dirigindo o caminhão. Mas está bebendo, com certeza. E a minha mãe provavelmente está saindo agora mesmo do campus.

— Ah — deixei escapar, agora vestido, sem saber como reagir a informações tão pessoais.

Acho que não devia ter perguntado, se não queria saber.

Chip pegou alguns lençóis e os jogou na cama de cima.

— Sempre fico com a cama de cima. Espero que não se importe.

— Hum, não. Para mim, tanto faz.

— Vi que você decorou o lugar — comentou ele com um gesto na direção do mapa-múndi. — Gostei.

E começou a listar os nomes dos países. Falava sem alterar o tom da voz, como se já tivesse feito aquilo mil vezes antes.

Afeganistão.

Albânia.

Andorra.

Argélia.

Argentina.

E por aí foi. Terminou a letra “a” antes de virar e perceber minha expressão incrédula.

— Posso continuar, mas provavelmente você vai ficar entediado. Aprendi essas coisas no verão. Você não tem ideia de como New Hope, no Alabama, é chata. Não tem nada para fazer, só ficar vendo as plantações de soja crescerem. Por falar nisso, de onde você é?

— Flórida — respondi.

— Nunca fui lá.

— Isso é muito legal, essa coisa dos países — disse eu.

— É, todo mundo tem um talento. Eu sou bom em decorar.

E você?

— Hum, eu sei as últimas palavras de muita gente.

Memorizar isso era meu prazer secreto. Algumas pessoas tinham o chocolate. Eu tinha as declarações finais dos moribundos.

— Exemplo?

— Gosto da do Henrik Ibsen. Era um dramaturgo.

Eu sabia muita coisa sobre Ibsen, mas nunca tinha lido nenhuma das suas peças. Não gostava de peças. Gostava de biografias.

— É, sei quem ele era — disse Chip.

— Pois é, ele estava doente havia um bom tempo, e a enfermeira falou: “Esta manhã o senhor parece estar se sentindo melhor.” Ibsen olhou para ela e disse: “Pelo contrário”, e então morreu.

Chip riu.

— Isso é mórbido. Mas eu gosto.

Ele contou que era seu terceiro ano em Culver Creek. Tinha começado no nono, o primeiro da escola, e agora estava no penúltimo, como eu. Era bolsista. Bolsa integral. Quando soube que aquela era a melhor escola do Alabama, escreveu uma carta de admissão dizendo como seria bom ir para uma instituição onde pudesse ler livros grandes, já que não podia fazer isso na própria casa, porque o pai sempre usava os livros para bater nele. Chip escolhia livros curtos e sem capa dura, para a própria segurança. Os pais se divorciaram quando estava no décimo ano. Ele gostava da “Creek”, como a chamava.

— É preciso tomar cuidado com os alunos e com os professores daqui. E eu odeio ter que tomar cuidado. — Ele deu um sorriso malicioso.

Eu também odiava ter que ser cuidadoso. Ou pelo menos queria odiar.

Chip me contou tudo isso enquanto esvaziava a sacola e jogava as roupas nas gavetas de qualquer maneira. Ele não acreditava em ter uma gaveta para meias e outra para camisetas, por exemplo, e sim que todas as gavetas tinham sido criadas da mesma forma e deveriam ser preenchidas sem distinção com o que quer que coubesse nelas. Minha mãe teria morrido.

Assim que terminou de “arrumar as coisas”, Chip me bateu com força no ombro.

— Espero que você seja mais forte do que parece — disse, e saiu, deixando a porta aberta.

Voltou alguns segundos depois e colocou só a cabeça para dentro. Eu estava em pé, sem me mexer.

— Vamos, Milhas Halter. Temos coisas a fazer.

Fomos até a sala de tevê, onde, segundo Chip, ficava a única tevê a cabo do campus. Durante o verão, o local servia como depósito. Cheia quase até o teto com sofás, geladeiras e tapetes enrolados, a sala estava movimentadíssima com garotos procurando suas coisas e tentando levá-las dali. Chip cumprimentou algumas pessoas, mas não me apresentou. Enquanto ele circulava pelo labirinto entulhado de sofás, fiquei parado perto da entrada da sala fazendo de tudo para não atrapalhar as duplas de colegas de quarto que manobravam os móveis na porta estreita.

Demorou dez minutos até Chip encontrar as coisas dele, e mais uma hora nas quatro viagens de ida e volta que fizemos entre a sala de tevê e o Quarto 43. No fim, eu queria entrar no frigobar do Chip e dormir por mil anos, mas ele parecia imune tanto ao cansaço quanto à insolação. Sentei no sofá.

— Encontrei esse sofá jogado em uma calçada perto de casa há alguns anos — contou ele, enquanto montava o meu Playstation 2 em cima do baú dele ao pé da cama. — Sei que o couro tem umas rachaduras, mas e daí? É um sofá muito legal.

O couro tinha mais que umas rachaduras. Trinta por cento do sofá era de couro falso azul-bebê e setenta por cento, de espuma, mas eu estava bem confortável.

— Tudo certo — disse ele. — Estamos quase terminando. — Chip andou até a mesa dele e pegou um rolo de fita adesiva em uma gaveta. — Só precisamos do seu baú.

Levantei e puxei o baú de baixo da cama. Chip o posicionou entre o sofá e o Playstation 2 e começou a rasgar tiras finas da fita. Ele as colou no baú formando as palavras MESA DE CENTRO.

— Pronto — declarou ele. Depois sentou e pôs o pé em cima da, hã, mesa de centro. — Tudo arrumado.

Sentei-me ao lado dele, que olhou para mim e, de repente, disse:

— Cara, não vou ser o seu bilhete de entrada na vida social da Culver Creek.

— Hum, tudo bem — respondi, mas podia ouvir as palavras engasgadas na minha garganta.

Eu tinha acabado de carregar o sofá daquele cara sob um sol escaldante e agora ele não gostava de mim?

— Basicamente, existem dois grupos aqui — explicou ele com uma urgência crescente. — Tem os alunos internos normais, como eu, e tem também os Guerreiros da Segunda à Sexta. Eles ficam no colégio durante a semana, mas são todos riquinhos que moram em Birmingham e vão para casa, para as mansões refrigeradas dos pais, todo fim de semana. Esses são os descolados. Eu não gosto deles e eles não gostam de mim, então se você veio para cá achando que arrasava na escola pública e que vai arrasar aqui também, é melhor não ser visto comigo. Você estudava em escola pública, não estudava?

— Humm... — murmurei.

Perdido em meus pensamentos, comecei a mexer nas rachaduras do couro do sofá, enfiando o dedo na espuma branca.

— É, estudou, provavelmente, porque se tivesse estudado em escola particular, a porcaria do seu short ia ser do tamanho certo.

Ele riu. Eu usava o short um pouco abaixo dos quadris, e sempre pensei que fosse maneiro. Por fim, eu disse:

— É, vim de escola pública. Mas não era nem um pouco descolado, Chip. Eu era um merdinha normal.

— Ah! Isso é bom. E não me chame de Chip. Chame de Coronel.

Segurei o riso.

— *Coronel?*

— É. Coronel. E vamos chamar você de... hum. Bujão.

— Hein?

— Bujão — disse o Coronel. — Porque você é muito magro. Isso se chama ironia, Bujão. Já ouviu falar? Agora vamos descolar uns cigarros e começar esse ano direito.

Ele saiu do quarto, de novo supondo que eu o seguiria, e dessa vez seguiu mesmo. Felizmente, o sol estava descendo no horizonte. Andamos cinco portas e chegamos ao Quarto 48. Um quadro branco estava preso à porta com fita adesiva, com as palavras “Alasca tem um quarto individual!” escritas em azul.

O Coronel me explicou que: 1) aquele era o quarto da Alasca; 2) o quarto dela era individual porque a garota que também deveria ocupá-lo tinha sido expulsa no fim do ano anterior; 3) Alasca tinha cigarros, apesar de o Coronel não se ter dado o trabalho de perguntar se 4) eu fumava, o que 5) eu não fazia.

Ele bateu uma vez, firme. Uma voz gritou do outro lado da porta:

— Ah, meu Deus, eu tenho uma história incrível, baixinho.

Nós entramos. Eu me virei para fechar a porta, e o Coronel balançou a cabeça dizendo:

— Depois das sete, você tem que deixar a porta aberta quando está no quarto de alguma garota.

Mas eu mal o ouvi, porque a garota mais gata da história da humanidade estava parada à minha frente vestindo um short jeans rasgado e uma camiseta cor de pêssego. E ela estava conversando com o Coronel, falando alto e rápido.

— Então, no primeiro dia de férias eu estou na minha velha cidade de Vine Station com um garoto chamado Justin, e estamos na casa dele vendo tevê no sofá, e, eu sei, eu estava namorando o Jake, na verdade ainda estou, o que é um milagre, mas Justin é meu amigo de infância. Então, estamos vendo tevê e conversando sobre provas e coisas do tipo, e o Justin passa o braço nos meus ombros e penso: ah, legal, somos amigos há muito tempo, isso é completamente normal. E estamos só conversando e de repente estou no meio de uma frase sobre analogias ou algo assim, e como um gavião ele se abaixa e aperta meu peito. APERTA. Um APERTO bem firme de uns dois ou três segundos, como se estivesse buzinando. E a primeira coisa em que penso é: Ok, como arranco essa garra do meu peito antes que ela deixe marcas permanentes? A segunda coisa: caramba, mal posso esperar para contar ao Takumi e ao Coronel.

O Coronel riu. Eu fiquei parado, atônito, em parte pela força da voz que emanava daquela garota pequena (mas cheia de curvas, e que curvas!), e em parte pelas pilhas gigantes de livros que tomavam as paredes do quarto. Enchiam as estantes e se acumulavam em torres enormes apoiadas aleatoriamente nas paredes. Se uma delas caísse, pensei, o efeito dominó poderia engolir nós três em uma massa asfíxiante de literatura.

— Quem é esse cara que não está rindo da minha história engraçada? — perguntou ela.

— Ah, é. Alasca, esse é o Bujão. O Bujão decora as últimas falas das pessoas. Bujão, essa é a Alasca. Apertaram o peito dela no verão.

Ela caminhou até mim com a mão estendida, então fez um movimento rápido no último instante e puxou meu short para baixo.

— Esse é o maior short do estado do Alabama.

— Eu gosto dele largo — disse eu, envergonhado, e o puxei de volta.

Na Flórida o meu short era legal.

— Bujão, mal começamos nosso relacionamento e eu já vi esses cambitos com uma frequência assustadora — disse o Coronel, fingindo seriedade. — Então, Alasca, vende uns cigarros para a gente.

De algum modo o Coronel me convenceu a pagar cinco dólares por um maço de Marlboro Light que eu não tinha a menor intenção de fumar. Ele chamou Alasca para sair conosco, mas ela disse:

— Tenho que achar o Takumi e contar a ele sobre a apertada. — Ela se virou para mim e perguntou: — Por acaso você o viu por aí?

Eu não tinha ideia se tinha visto Takumi, já que não tinha ideia de quem ele era. Só balancei a cabeça.

— Está bem. Encontro vocês no lago daqui a pouco. — O Coronel assentiu.

Na beira do lago, pouco antes da faixa de areia (que o Coronel disse ser artificial), sentamos em um balanço de madeira. Eu fiz a piada obrigatória.

— Não vá agarrar o meu peito.

O Coronel deu uma risada obrigatória.

— Quer um cigarro? — perguntou.

Eu nunca tinha fumado, mas já que estava na chuva...

— É seguro aqui?

— Não muito — disse ele, e então acendeu um cigarro e me entregou.

Eu traguei. Tossi. Ofeguei. Fiquei sem ar. Tossi de novo. Achei que fosse vomitar. Agarrei o banco do balanço, a cabeça girando, joguei o cigarro no chão e pisei nele, convencido de que o meu Grande Talvez não envolvia cigarros.

— Tem fumado muito? — Ele riu, depois apontou para um ponto branco do outro lado do lago e disse: — Está vendo aquilo?

— Estou. O que é? Uma ave?

— É o cisne — disse ele.

— Uau. Uma escola que tem um cisne. Uau.

— Esse cisne é o filho do capeta. Isso é o mais perto dele que podemos ficar.

— Por quê?

— Ele tem problemas com pessoas. Abusaram dele ou algo assim. Ele vai acabar com a sua raça. O Águia o botou aí para impedir que a gente dê a volta no lago para fumar.

— Águia?

— O sr. Starnes. Codinome: Águia. O inspetor do colégio. Vários professores moram no campus, e todos podem pegar você com a boca na botija. Mas só o Águia mora perto dos alojamentos, e ele vê tudo. Sente o cheiro de um cigarro a uns dez quilômetros.

— A casa dele é aquela ali atrás? — perguntei, apontando.

Eu via a casa nitidamente, apesar da escuridão, por isso deduzi que o Águia também pudesse nos ver.

— É, mas ele só entra mesmo em modo de ataque quando começam as aulas — disse Chip, des preocupado.

— Se eu me meter em alguma confusão, os meus pais vão me matar.

— Você está exagerando. Vai se meter em problemas, pode ter certeza. Mas noventa e nove por cento das vezes os seus pais nunca vão saber. A escola não quer que eles achem que você virou um bosta aqui, do mesmo jeito que *você* não quer que os seus pais achem que você é um bosta.

Chip soprou com força uma baforada fina de fumaça na direção do lago. Eu tinha que admitir: isso dava a ele um ar descolado. De algum modo, ficava mais alto. Ele prosseguiu:

— Enfim, quando arrumar problema, só não entregue ninguém. Quer dizer, eu odeio com todas as forças os riquinhos metidos daqui, um ódio que normalmente reservo apenas para as idas ao dentista e para o meu pai. Mas nem por isso eu duraria algum deles. Basicamente, a única coisa importante é nunca, nunca, nunca e nunca entregar ninguém.

— Está bem — disse eu, apesar de ter me perguntado: se alguém me der um soco na cara, devo dizer que sem querer dei de cara em uma porta?

Parecia meio idiota. Como lidar com valentões babacas se você não pode fazer nada contra eles? Não perguntei isso ao Chip, no entanto.

— Tudo bem, Bujão. Chegamos ao momento da noite em que me vejo obrigado a ir encontrar a minha namorada. Então me dê uns cigarros desses aí que você nunca vai fumar mesmo e nos vemos mais tarde.

Resolvi ficar ali, no balanço, por um tempo, em parte porque a temperatura tinha caído para agradáveis, apesar de úmidos, trinta graus e pouquinho, e em parte porque achei que a Alasca talvez aparecesse. Foi só o Coronel sair para os insetos chegarem: os mosquitos me rodeavam em quantidades tão grandes que o ruído quase mínimo das suas asas batendo parecia uma enorme cacofonia. Resolvi fumar.

Na hora, pensei: a fumaça vai afastar os insetos. E até certo ponto, afastou. Mas eu estaria mentindo se dissesse que me tornei um fumante para espantar insetos. Passei a fumar porque: 1) estava em um balanço de madeira, sozinho; 2) tinha cigarros, e 3) achei que se todo mundo conseguia fumar sem botar os pulmões para fora, droga, eu também tinha que conseguir. Em suma: eu não tinha nenhum motivo lá muito bom. Então, sim, vamos dizer que 4) foram os insetos.

Consegui dar três tragadas antes de sentir enjoo, tontura e algum prazer. Levantei para ir embora, e uma voz atrás de mim disse:

— Então você decora mesmo últimas palavras?

Ela correu em minha direção, agarrou o meu ombro e me empurrou de volta para o balanço.

— Isso. — E, hesitante, acrescentei: — Quer me testar?

— JFK — sugeriu ela.

— Isso é óbvio — respondi.

— Ah, é? Até parece — provocou ela.

— Não, essas foram mesmo as últimas palavras dele. Alguém disse: “Sr. Presidente, o senhor não pode dizer que Dallas não o ama”, e então ele disse: “Isso é óbvio”, e levou um tiro.

Ela riu.

— Nossa, que horrível. Eu não deveria rir. Mas vou. — E então riu de novo. — Está bem, sr. Garoto das Últimas Palavras Famosas. Tenho outra para você. — Ela mexeu na mochila lotada de coisas e tirou um livro. — Gabriel García Márquez. *O general em seu labirinto*. É um dos meus livros favoritos. É sobre Simón Bolívar.

Eu não sabia quem era Simón Bolívar, mas ela não me deu tempo nem para perguntar.

— É um romance — continuou —, por isso não sei se é verdade, mas, no livro, sabe quais são as últimas palavras dele? Não, não sabe. Mas já vou lhe dizer, *señor* Observações de Despedida.

Então ela acendeu um cigarro e deu uma tragada tão forte e profunda que achei que ele fosse acabar de uma vez só. Ela soltou a fumaça e leu para mim:

— Ele..., ou seja, Simón Bolívar, estava abalado pela revelação deslumbrante de que a corrida louca entre os seus sonhos e infortúnios naquele momento estivesse alcançando a linha de chegada. O resto eram as trevas. “Maldição”, suspirou. “Como vou sair desse labirinto?”

Eu reconhecia últimas palavras grandiosas quando as ouvia, e pensei comigo mesmo que precisava conseguir uma bio-

grafia daquele tal de Simón Bolívar. Uma bela última fala, mas eu não tinha entendido direito.

— Mas o que é o labirinto? — perguntei a ela.

Aquele parecia ser um momento tão oportuno quanto qualquer outro para dizer que ela era linda. Do meu lado na escuridão, ela cheirava a suor, luz do sol e baunilha, e naquela noite de lua minguante eu pouco via da sua silhueta, exceto quando ela fumava, quando a brasa do cigarro iluminava seu rosto, que adquiria um tom vermelho pálido. Mesmo no escuro eu admirei os seus olhos, esmeraldas intensas. Aqueles olhos seriam capazes de convencer você a fazer qualquer coisa que ela pedisse. E ela não tinha apenas um rosto bonito. Seu corpo era igualmente lindo, os peitos apertados na camiseta justa, as pernas torneadas se movendo para a frente e para trás no balanço, os chinelos pendurados nos dedos dos pés com unhas pintadas de um azul forte e brilhante. Foi exatamente ali, entre o momento em que perguntei sobre o labirinto e a resposta dela, que percebi a *importância* das curvas, dos milhares de partes do corpo das garotas que gradualmente mudam de forma, da sola do pé ao tornozelo, do tornozelo à panturrilha, da panturrilha ao quadril, ao seio, ao pescoço, ao nariz arrebitado, à testa, ao ombro, às costas, à bunda, e por aí vai. Eu já tinha *prestado atenção* a curvas antes, mas nunca tinha realmente entendido o seu significado.

Com a boca tão perto de mim que eu podia sentir o seu hálito, mais quente que o ar, ela disse:

— Esse é o mistério, não é? O labirinto é viver ou morrer? De qual deles ele está tentando escapar?

Esperei que continuasse, mas após algum tempo, ficou evidente que queria uma resposta.

— Hum, não sei — disse eu finalmente. — Você leu mesmo todos aqueles livros no seu quarto?

— Não, claro que não. — Ela riu. — Devo ter lido talvez um terço deles. Mas vou ler todos. Eu os chamo de A Biblioteca da

Minha Vida. Desde que eu era pequena, ia todo verão às vendas de garagem e comprava os livros que achava interessantes. Assim eu sempre tinha o que ler. Mas tem muita coisa para aproveitar na vida: cigarros para fumar, sexo para fazer, balanços para balançar. Vou ter mais tempo para ler quando ficar velha e chata.

Ela disse que eu a fazia se lembrar do Coronel quando ele chegou a Culver Creek. Eles entraram na mesma época; dois bolsistas com, nas palavras dela, “um interesse comum por bebida e trotes”. A expressão “bebida e trotes” me deixou com medo de ter caído justamente no meio do que a minha mãe chamava de “pessoas erradas”, mas, para pessoas erradas, os dois pareciam bem inteligentes. Enquanto ela acendia outro cigarro na guimba do anterior, contou que, quando chegou ali, o Coronel era inteligente, mas ainda não tinha vivido muita coisa.

— Eu resolvi esse problema rapidinho. — Ela sorriu. — No fim do ano eu já tinha arrumado uma namorada para ele, uma garota muito legal chamada Janice. Ela nem era Guerreira da Segunda à Sexta nem nada, mas Chip a largou um mês depois, porque ela era rica demais para o sangue dele, embebido em pobreza. Mas isso não vem ao caso. Nosso primeiro trote daquele ano foi encher o chão da sala 4 de bolas de gude. Nós fizemos progressos depois disso, é claro. — Ela riu.

Então Chip virou o Coronel, planejando os trotes como um militar, e Alasca é sempre Alasca, a majestosa força criativa por trás deles.

— Você é inteligente como ele — disse ela. — Só que mais calado. E fofo, mas eu não falei isso, porque amo o meu namorado.

— Você também é bem bonitinha — respondi, atordoadado com o elogio. — Mas eu nem falei isso, porque amo a minha namorada. Ah, espere aí. Que bobagem. Eu não tenho namorada.

— Ok. — Ela riu. — Não se preocupe, Bujão. Se tem uma coisa que eu posso arrumar para você é uma namorada. Vamos

fazer um acordo: você descobre o que é o labirinto e como sair dele, e eu vou dar um jeito de você transar.

— Fechado.

Trocamos um aperto de mãos para selar o trato.

Caminhamos juntos para os alojamentos. As cigarras cantavam a sua canção monótona, do mesmo modo que faziam na Flórida. Alasca se virou para mim enquanto vagávamos pela escuridão.

— Quando está andando à noite, você não fica morrendo de medo e com vontade de correr e chegar logo em casa, mesmo que isso seja idiota e vergonhoso? — perguntou ela.

Parecia secreto e pessoal demais admitir algo assim para uma completa estranha, mas disse a ela:

— É, é verdade.

Por um instante, ela ficou quieta. Depois segurou a minha mão e sussurrou:

— Corre, corre, corre, corre, corre.

E saiu em disparada, me puxando junto.